



ANÁLISE DISCURSIVA DA POSIÇÃO SUJEITO DAS
MULHERES NEGRAS MILITANTES REVERBERADA PELO
DISCURSO DE SOJOURNER TRUTH

A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE SUBJECT POSITION
OF MILITANT BLACK WOMEN REVERBERED BY
SOJOURNER TRUTH'S SPEECH

Kelly Cristine Martins dos Santos¹

Nadia Pereira da Silva Gonçalves Azevedo²

¹ Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Linguística e Ensino pela Universidade Federal da Paraíba.

² Professora Adjunto III da Universidade Católica de Pernambuco. Atua na Graduação em Fonoaudiologia e no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Ciências da Linguagem.





RESUMO

Este trabalho promove uma análise discursiva da posição-sujeito de três mulheres negras atuantes/militantes que viveram em décadas diferentes, mostrando os efeitos de sentidos que são produzidos a partir desta posição-sujeito em suas condições de produção do discurso, bem como, as formações imaginárias e a presença de outros discursos no discurso militante dessas líderes. Assim, à luz da perspectiva teórica e dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa, este trabalho mobiliza o conceito de posição-sujeito e de outros conceitos desta teoria, defendidos principalmente por Pêcheux, na Europa, por Orlandi, no Brasil e por demais autores, para analisar um corpus constituído por segmentos discursivos retirados de depoimentos veiculados no ambiente virtual.

PALAVRAS-CHAVE

Análise do Discurso; posição-sujeito; mulheres militantes; mulheres negras.

ABSTRACT

The present work promotes a discursive analysis of the subject-position of three active/militants black women, who lived in different decades, to show the effects of meanings that are produced from this position-subject in their conditions of discourse production, as well as, the formations and the presence of other discourses in the militant discourse of these leaders. Thus, in the light of the theoretical perspective and analytical procedures of French Line Discourse Analysis, this work mobilizes the concept of position-





subject and other concepts of this theory, defended mainly by Pêcheux, in Europe, by Orlandi, in the Brazil and other authors, to analyze a corpus consisting of discursive segments taken from statements conveyed in the virtual environment.

KEYWORDS

Discourse Analysis; subject-position; militant women; black women.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, propomos reflexões teórico-analíticas acerca do discurso de três depoimentos dados por mulheres negras militantes, analisando as marcas presentes em seus discursos, para mostrar os efeitos de sentidos que são produzidos a partir desta posição-sujeito em suas condições de produção do discurso, bem como, as formações imaginárias e a presença de outros discursos no discurso militante dessas líderes.

Dois discursos foram extraídos do site Widdox, pertencentes a uma americana e a uma brasileira, publicada e acessada no dia 5 de setembro de 2016; o terceiro, extraído do site Donna Gente, publicado no dia 09 de fevereiro de 2018 e acessado no dia 02 de fevereiro de 2019, pertencente a uma brasileira. Nos depoimentos, é possível verificar a posição dessas mulheres por meio de seus discursos e pela forma como essas enunciações são cristalizadas. Os depoimentos serão analisados à luz da perspectiva teórica e analítica da Análise do Discurso de linha francesa.

Os depoimentos foram selecionados em virtude de constatação de que, há muito, as mulheres lutam por liberdade e por igualdade com discursos





empoderados e intensos. A busca das mulheres pela igualdade de direitos é pautada ao longo de muitos anos, e muitas mulheres corajosas e poderosas dedicaram e vem dedicando boa parte de suas vidas para mudar a história. Partiremos das depoentes que foram silenciadas pela própria história durante anos, especialmente porque ela era escrita sob a ótica masculina. Hoje, essas mulheres saem de um confinamento de séculos com discursos empoderados. Elas se opuseram às restrições de suas épocas e abriram espaço para a voz ativa na sociedade no que diz respeito à educação, a mercado de trabalho, à ciência, à política etc. No entanto, sabemos que ainda há um longo caminho a percorrer para que a tão sonhada igualdade de direitos entre homens e mulheres seja de fato alcançada.

Visamos identificar a memória discursiva, a formação discursiva (FD), com ênfase na posição-sujeito. Nesse imbricamento discursivo, o analista tem como finalidade compreender o processo de produção de sentidos, instalado por uma materialidade discursiva, caracterizado pelo processo de identificação que “o sujeito se inscreve em uma FD para que suas palavras tenham sentido” (ORLANDI, 2015, p. 22).

Ao observarmos as marcas linguístico-discursivas, é preciso dizer que se trata de palavras ou frases-de-base, determinando a especificidade textual (AZEVEDO, 2006). Diante da eleição desses indícios, vestígios, pistas, nota-se “como a repetição/e ou suas rupturas fazem discurso e, por esse viés, de que modo os sujeitos se constituem e se significam” (INDURSKY, 2011, p. 4). Nesse sentido, passando a contemplar o movimento de interpretação, de compreendê-lo, que caracteriza a posição do analista, numa posição que entremeia a descrição e a interpretação, podendo tornar visíveis às relações entre diferentes sentidos que são constituídos.





Assim sendo, como marcado anteriormente, a AD, neste artigo, será utilizada como teoria e procedimento de análise, pois visa a compreender como um objeto simbólico produz sentidos. Em decorrência disso, “o trabalho de análise é iniciado pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, retornando-se conceitos e noções que demandam um ir-e- vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” (ORLANDI, 2013, p. 66).

2. SOBRE MEMÓRIA DISCURSIVA, A FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD) E A POSIÇÃO-SUJEITO

Segundo Pêcheux, o discurso (1993, p. 82): “é o efeito de sentidos entre locutores”, pois o que é encontrado no discurso é um complexo processo de constituição de sujeitos e de produção de sentidos oriundos da tensão entre constituição e formulação. O autor ainda salienta que o discurso é estrutura e acontecimento. Fernandes (2008) atesta que os discursos têm a sua legitimidade assegurada no já-dito, na memória, eles não são fixos, mas se transformam e assumem outros valores, de acordo com a época, o lugar e a ideologia vigente. Assim, Pêcheux propõe que o discursivo seja entendido como uma das formas da materialidade das ideologias. Nesse ponto, compreende o sujeito como sendo atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, logo seu sujeito não é *uno* ou do *cogito*, mas é considerado um sujeito *descentrado*, *cindido*, *clivado*. Posto isto, “o discurso é um fenômeno intermediário entre a língua (geral) e a fala (individual), nasce em outros discursos, isto é, a partir de formações discursivas que, por sua vez, integram uma ou mais formações ideológicas” (ORLANDI, 2011, p. 157-8).





Nesse encadeamento, analisaremos sob a vertente brasileira da AD, Eni Orlandi (2011) e outros pesquisadores, que a definem como “teoria crítica que trata da determinação histórica dos processos de significação” (ORLANDI, 2011, p.12). Partindo da constituição simbólica do homem, da busca (inevitável) de sentidos situando as práticas de linguagem no eixo tempo-espço.

Dentro desta perspectiva, entendemos, por sua vez, os sentidos “não estão nas palavras, que mudam de sentido segundo as posições sociais daqueles que a empregam”, daí, “o sujeito ao produzir sentidos diz mais sobre si do que sobre aquilo que ele diz” (SOARES, 2017, p. 35), sendo o discurso determinado pela posição-sujeito, dada em uma posição ideológica e sócio-histórica também (ORLANDI, 2013, p. 43), pois segundo Althusser (1985, p. 99), “o lugar desse sujeito já foi dado, ele já se inscreveu, há, portanto, uma predeterminação ideológica”. Na AD, de acordo com Maliska (2017, p.50), “toda a problemática do sentido, ou melhor, de seus efeitos e defeitos, se dá através de uma premissa que a linguagem não é um código a ser decifrado pelo receptor que a receberia cifrada pelo emissor” (MALISKA, 2017, p. 50).

Para Orlandi (2005), a AD vai constituir-se como um lugar teórico propício ao estudo a partir de três grandes áreas do conhecimento: a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo, pois somente assim é possível contemplar a significação do discurso. A autora, ainda, salienta que a **Análise de Discurso**

Concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o





deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. (ORLANDI, 2005, p. 15)

Dessa forma, o entendimento de discurso está na noção de um objeto teórico constituído por sentidos produzidos historicamente nas práticas sociais, pois ele (o discurso) configura o lugar onde se pode observar a relação entre língua e ideologia. Sendo assim, o discurso funciona como um lugar de mediação, pois é nele que os sentidos são produzidos.

Segundo Orlandi (2005, p. 21), “o discurso é efeito de sentidos entre locutores”, em que constantemente a posição-sujeito é redefinida, nas práticas sociais, pelas condições de produção³ do discurso. Em razão disso, entendemos que o sujeito não se desvincula da ideologia, pois ele é um sujeito socializado, ou seja, ele discursiviza de acordo com suas marcas do social, do ideológico e do histórico, em que ora é assujeitado pela ideologia que o domina, ora pelo seu próprio inconsciente.

Nesse encadeamento, compreendemos que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 167). Isso nos aponta que, não existe um discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia, uma vez que o sujeito sempre se inscreve em uma ideologia, marcando suas posições no discurso. Orlandi (2005) nos explicita que o sujeito só tem acesso a parte do que diz, sendo atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário. Ele é sujeito à língua e à história, pois é afetado por elas quando produz sentidos, e ele necessita disso, pois se não produz sentidos, não se constitui como sujeito.

³ Hoff (2001, p. 88) aponta que: “Conforme Pêcheux (1969), as condições de produção são as circunstâncias em que o discurso é realizado, o contexto, as formações sociais, históricas e ideológicas em que um enunciado é produzido”.





Nessa perspectiva, a autora nos apresenta a ideia de “posição” que um sujeito discursivo tem frente a outros, pois é o lugar que o sujeito ocupa que o coloca como sujeito de sua fala. “É a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz” (ORLANDI, 2005, p. 49). Ou seja:

O modo como o sujeito ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade (interdiscurso) que o constitui. Da mesma maneira, a língua também não é transparente nem o mundo diretamente apreensível quando se trata da significação pois o vivido dos sujeitos é informado, constituído pela estrutura da ideologia. (PÊCHEUX, 1975 apud ORLANDI, 2005, p. 49)

A partir deste ponto de vista, podemos constatar que os sujeitos são intercambiáveis, visto que quando nos colocamos em uma determinada posição, em determinada situação, há um sentido relativo à formação discursiva em que nos inscrevemos, ou seja, “não é uma forma de subjetividade, mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz” (ORLANDI, 2005, p. 49). Por conseguinte, podemos dizer que um mesmo indivíduo se assume como diferentes sujeitos em diferentes formações discursivas. Por exemplo, quando uma mulher questiona seu filho sobre o horário de chegada em casa, o sentido do enunciado é construído a partir da posição de mãe assumida. Desse modo, “podemos até dizer que não é a mãe falando, é a sua posição. Ela aí está sendo dita. E isso significa. Isso lhe dá a identidade. Identidade relativa a outras: por exemplo, na posição de professora, de atriz etc.” (ORLANDI, 2005, p. 49)

Comprendemos assim, que todos os enunciados fazem parte do discurso, um sujeito pode ter uma posição social em cada momento, por exemplo,





podemos ser professora, filha, mulher negra militante, estudante etc., de acordo com a situação em que estamos inseridos. Segundo Courtine (1999),

[...] são posições de sujeito que regulam o próprio ato da enunciação: o interdiscurso, sabe-se, fornece, sob a forma de citação, recitação ou preconstruído, os objetos do discurso em que a enunciação se sustenta ao mesmo tempo que organiza a identificação enunciativa (através do regramento das marcas pessoais, dos tempos, dos aspectos, das modalidades...) constitutiva da produção da formulação por um sujeito enunciador. (COURTINE, 1999, p. 20, grifos do autor)

Segundo a Análise do Discurso, o sujeito não é fonte do sentido, mas ele se forma a partir de uma rede de memória ⁴acionada pelas formações discursivas que representam no seu discurso diferentes posições-sujeito, ou seja, a formação discursiva, como lugar de interpelação ideológica do sujeito, configurando uma matriz de sentido.

Para tanto, Pêcheux e Fuchs afirmam que

É impossível identificar ideologia e discurso [...], mas que se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence, assim pensamos, ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas [...] comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166)

⁴ Nesse caso, podemos falar em memória discursiva, que segundo Orlandi (2005, p. 31), é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”.





À vista disso, o discurso da ideologia se revela através de sua materialidade ideológica, que, por sua vez, se materializa nas formações discursivas (FDs), em que, segundo Pêcheux (1997), o sujeito do discurso se inscreve por meio da forma-sujeito de acordo com as posições e as condições de produção dadas. Desse modo, o interdiscurso aparece como o puro ‘já-dito’ do intra-discurso, no qual ele se articula por ‘co-referência’” (PÊCHEUX, 1997, p. 167).

Sendo assim, podemos concluir segundo Pêcheux (1997) que o lugar do sujeito não é vazio, mas preenchido pela forma-sujeito de uma determinada FD, pois é pela forma-sujeito que um indivíduo se inscreve em uma determinada formação discursiva, identificando-se e constituindo-se como sujeito. Por esse ângulo, compreendemos que a formação discursiva é aquilo que, numa dada formação ideológica, determina o que pode e deve ser dito. Destarte, as palavras recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas, pois “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1997, p. 161, grifos do autor), ou seja, o funcionamento da ideologia com a interpelação dos indivíduos em sujeitos ocorre por meio das formações ideológicas, fornecendo a cada sujeito a sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações que são percebidas, aceitas e experimentadas.

Convém destacar, ainda, segundo Orlandi (2003; 2007) as condições de produção compreendem fundamentalmente o sujeito e a situação. Além disso, Orlandi (2005; 2006) aponta que, na maioria das vezes, os diferentes sentidos encontrados em diferentes enunciados remetem às memórias e às circunstâncias externas, mostrando que o sentido não está apenas nas palavras e no texto propriamente dito, mas na tensão das relações de





forças, pois os dizeres não são, apenas, mensagens a serem decodificadas. É perceptível que a memória faz parte da produção do discurso, pois a maneira como a memória ‘aciona’, faz valer as condições de produção, tornando-se fundamental. Assim, podemos verificar que é nesse ponto que o sentido não existe em si, sendo parte constitutiva das condições históricas de produção, pois é determinado pelas posições ideológicas em que as palavras são produzidas e de que as palavras mudam de sentido de acordo com as posições dos sujeitos que as empregam inscritos numa formação discursiva. Chegamos assim ao fato que não há um discurso original, pois todo discurso faz parte de um processo: é determinado por dizeres prévios e aponta para dizeres não-ditos. É nessa diretriz que este artigo assume o conceito de memória discursiva defendido por Pêcheux, ao afirmar que

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Partimos do pressuposto, que, para Pêcheux (1969; 1995; 1997), todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento do outro. Isso posto, para o autor, os sentidos vão se construindo no embate com outros sentidos. Assim, quando não conseguimos recuperar a memória que sustenta aquele sentido, temos o *nonsense*, pois ainda que o falante não tome consciência desse movimento discursivo, ele flui naturalmente.

Dessa forma, a memória é o saber discursivo, o já-dito, os sentidos a que já não temos mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão em nós, sem pedir licença. A memória, compreendida





por Orlandi (2001) em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso. Pêcheux (1993) também compreende a memória discursiva enfatizada, nesse ponto, como interdiscurso. Dito de outro modo é um saber que possibilita que nossas palavras façam sentido e corresponde a algo falado anteriormente, em outro lugar, a algo “já dito”, entretanto, ainda continua alinhavando os nossos discursos. Em razão disso, a memória e, conseqüentemente, o interdiscurso, são responsáveis diretos pela constituição do sentido, como também atenta Orlandi (2001, p. 33): “a constituição determina a formulação, levando-se em consideração que só se pode dizer (formular), colocando-se na perspectiva do dizível (memória, interdiscurso)”.

A memória é descrita, segundo Pêcheux (1990; 1999), como tudo que pode deixar marcas dos tempos disjuntados que nós vivemos e que nos permite a todo o momento, fazer surgir e reunir as temporalidades passadas, presentes e que estão por vir. Logo, é cabível reforçar que a memória de que se ocupa a Análise do Discurso de linha francesa, não é de natureza cognitiva nem psicologizante. A memória, neste domínio do saber, é sempre social.

3. GESTOS TEÓRICO-ANALÍTICO NOS DISCURSOS DAS MULHERES NEGRAS MILITANTES

É através do uso da língua, aliado a outros aspectos do contexto social em que vive e atua, que o homem/mulher se constitui como sujeito que estabelece vínculos sociais com outros sujeitos e com outras culturas, construindo dessa forma, a sua história.

O primeiro depoimento, datado de 1851, e que tomaremos como discurso fundante, para esta análise, pertence à Sojourner Truth, nascida escrava em Nova York e, depois de livre, se tornou pregadora pentecostal, ativista





aboliconista e defensora dos direitos das mulheres em uma época em que mulheres em geral eram proibidas de falar em público. Ela proferiu seu famoso discurso “*Ain’t a I woman?*” (E não sou uma mulher?) na Convenção dos Direitos das Mulheres, onde já apontava para as diferenças entre as mulheres e para a difícil questão sobre o que é ser uma mulher. A fala foi feita em resposta a um dos palestrantes do sexo masculino que estava na platéia. A partir dele, discorreremos sobre alguns pontos importantes.

[...] Sou uma mulher de direitos. Tenho tantos músculos quanto qualquer homem, e posso trabalhar tanto quanto qualquer homem. Tenho arado e ceifado e cortado e aparado, e pode algum homem fazer mais do que isso? Tenho ouvido falar muito sobre igualdade dos sexos. Posso carregar tanto quanto qualquer homem, e posso comer tanto quanto também, se conseguir o que comer. Sou tão forte quanto qualquer homem. () Os pobres homens parecem estar em total confusão e não sabem o que fazer. Porque, crianças, se têm direitos das mulheres, deem-nos a elas e irão se sentir melhor. Vocês terão seus próprios direitos e eles não serão um grande problema [...]. 5

Seria possível identificarmos nos discursos das mulheres negras militantes atuais marcas de discursos das mulheres negras militantes precursoras? São muitas as marcas discursivas encontradas nos discursos atuais que podem ser identificados nos discursos precursores. O mundo das representações traz em seu bojo a questão de gênero bem definida, com noções de masculinidade e feminilidade que codificam um sistema particular de valores sócio-históricos e culturais, que, por sua vez, através de formas simbólicas e condutas, moldam as distinções, estabelecendo noções hierárquicas entre mulheres e homens. Nesse sentido, o interdiscurso

⁵ Os discursos empoderados de mulheres que mudaram a história. Disponível em: <https://widoox.com.br/oratoria/discursos-influente-mulheres>. Acesso em 20 de junho de 2017.





é tratado como a memória do dizer, aquilo que fala antes, em outro lugar, de modo independente e diferentemente (PÊCHEUX, 1969, 1975), uma vez que todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro (PÊCHEUX, 1984, 2010).

Diante das questões materializadas, é possível promover uma articulação com o discurso “E não sou uma mulher?” de *Sojourner Truth*, que ao ser analisado, descreve minuciosamente a temática da militância da mulher negra, em paralelo com os discursos atuais. Com isso, verificamos fortemente efeitos de sentido que apontam que ela assume a posição sujeito daquela que é militante, negra e escrava, bem como da não fragilidade deste sujeito

E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? ⁶

Truth, uma abolicionista e ex-escravizada, fez um dos discursos mais memoráveis da história sobre a intersecção entre o sufrágio feminino e os direitos dos negros. Falando à Convenção das Mulheres de Ohio, a ativista usou sua identidade para apontar as maneiras pelas quais ambos os movimentos estavam falhando com as mulheres negras. Repetidas vezes, de acordo com transcrições históricas, ela perguntou: “*Eu não sou uma mulher?*”. Sendo assim, percebemos que, na verdade, o discurso é/será determinado pela

⁶ Os discursos empoderados de mulheres que mudaram a história. Disponível em: <https://widoox.com.br/oratoria/discursos-influentes-mulheres>. Acesso em 20 de junho de 2017.



posição-sujeito, dada em uma posição ideológica e sócio-histórica também (ORLANDI, 2013, p. 43), porque, de acordo com Althusser (1985, p.99), “o lugar desse sujeito já foi dado, ele já se inscreveu. Há, portanto, uma predeterminação ideológica”, conseqüentemente, na prática social, levando tal mulher a não se ver/sentir-se diferenciada do homem, quer dizer, aquela que ocupa uma posição inferior ao sexo oposto, com direitos diferenciados, como é visto no trecho do discurso de Sojourner Truth

[...] Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso. Entretanto, o homem branco, aquele “senhor”, “dono” da escrava negra é um ser sempre superior?⁷

Nesse contexto, tal homem aparece, diga-se de passagem, como aquele sujeito que está totalmente certo quanto ao seu lugar de fala e seu poderio em relação à mulher, tratando-se, portanto, de resquícios de puro racismo e sexismo vigente na sociedade. Já a mulher é constituída, no discurso, como aquela que seria a única responsável pela sua vida e por seus atos, procurando ao expor as suas forças e fraquezas, marcar o seu lugar e diferenciá-la do homem. Logo, que os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas, que “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2013, p. 30-1). Além disso, é por meio do funcionamento discursivo nas formações imaginárias dos sujeitos em

⁷ Os discursos empoderados de mulheres que mudaram a história. Disponível em: <https://widoox.com.br/oratoria/discursos-influentes-mulheres>. Acesso em 20 de junho de 2017.





suas condições de produção que se percebe a constituição dos sentidos. Esses, por sua vez, conforme Ferreira (2015), instauram-se nas grandes formações sócio-históricas que determinam as formações ideológicas (FI) em que os discursos são inscritos. Nesse vigamento, a FI é entendida como um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas relacionam-se mais ou menos às posições de classe em confronto umas com as outras. Comporta, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas (FD) interligadas (CAZARIN, 2001, p.137).

Nesse sentido, isso é possível, tendo em vista que os discursos, de acordo com Pêcheux ([1975] 1993), estão imbricados com as formações ideológicas (FI) e as formações discursivas (FD), associadas, sempre, a uma memória social, ou seja, toda formulação possui, em seu “domínio associado” outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, enfim, em relação às quais se produzem certos efeitos de memória específicos. Portanto, observamos, a partir dos enunciados em destaque, a perpetuação discursiva, histórica e social do estereótipo de mulher negra militante, contido em inúmeras narrativas. Nesse caso, em sua posição-sujeito, a mulher negra considera-se como “aquela” que tem os mesmos direitos que o homem e é responsável pela sua luta e história.

No recorte abaixo, que representa a fala da atriz global Erika Januza, mulher, negra, brasileira, ocorrem marcações presentes a acionadas na fala dessa artista quando questionada sobre sua identidade.

Acho que é bem diferente de quando eu era criança. Há uma conscientização maior como um todo. Representatividade, por exemplo. Meninas negras, no meu tempo, tinham o cabelo alisado. Era uma forma de fugir de agressões, de xingamentos na escola.





Quando eu cheguei à idade de poder alisar o cabelo, foi a primeira coisa que eu fiz. Ainda pequena. Era uma forma de ter a vida um pouco mais fácil. Hoje, vejo tanta criancinha de cabelo black, amando o cabelo como é. Isso vem da minha geração, que foi crescendo de forma mais consciente e está criando os seus filhos também mais conscientes. É algo que eu não tive. Não tenho a lembrança de discutir sobre racismo e preconceito na minha casa. A gente era negro e só, não tinha discussão sobre isso. Então, muita coisa do que eu passava na escola, não chegava em casa e falava.⁸

Além dessas, outras identificações foram acionadas por ela durante sua fala, é possível observar a raça, o gênero e a noção de território como marcadores importantes para delimitação, naquele momento, de sua compreensão identitária.

Observemos que, conseqüentemente, “o que vem pela história, vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua que vai se historicizando aqui e ali” (ORLANDI, 2001, p. 32).

Sabidamente, a sociedade ainda é extremamente colonialista, acarretando, com isso, num distanciamento entre o negro e o branco. De acordo com Maria Luiza Tucci Carneiro, era possível notar que:

O “mundo da senzala” sempre esteve muito distante do “mundo da casa grande”. Para alcançar pequenas regalias, fosse como escravo ou como homem livre, os descendentes de negros precisavam ocultar ou disfarçar seus traços de africanidade, já que o homem branco era apresentado como padrão de beleza e de moral (CARNEIRO, 2003, p.15).

⁸ Erika Januza: “O papel de uma juíza negra na novela é um presente para mim e para todo o Brasil”. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2018/02/erika-januza-o-papel-de-uma-juiza-negra-na-novela-e-um-presente-para-mim-e-para-todo-o-brasil-cjqxx2gouo0puoqcnw9phkdo4.html>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2019.





Lutamos de forma individual e coletiva, expressas nos movimentos negros atuantes no campo cultural, na construção de coletivos e em grupos de estudos preocupados com a questão racial.

Esse colonialismo reafirma o branco como padrão normativo, perpetuando e naturalizando seus privilégios sem questionar as origens históricas ligadas à colonialidade, as quais são reelaboradas na dinâmica das relações sociais. Por isso, devemos reposicionar o nosso olhar de modo a abranger a branquitude no exame das relações de raça, e só assim compreendermos o branco, não como mero objeto passivo dentro de uma estrutura social racista, mas como sujeito agente, ou seja, como protagonista do racismo, que, intencionalmente ou não, perpetua a discriminação no exercício dos papéis e privilégios com os quais foi socializado. Além disso, a mulher negra, não é tida como capaz, nem merecedora, pois é vista com um ser de intelecto inferior, por ser negra e por ser mulher, posta em total discriminação, conforme o trecho da Carlota Pereira de Queiroz, nascida em uma sociedade moldada pelo preconceito. Entretanto, ela conseguiu superar os obstáculos e se eleger a primeira mulher negra a ocupar a Câmara dos Deputados no Brasil. Na data de sua eleição, Carlota apresentou aos membros da Casa um discurso importante onde ela falou sobre os dois tipos de discriminação que enfrentou.

Em seu discurso, Carlota reporta que

Além de representante feminina, única nessa Assembléia, sou, como todos os que aqui se encontram, uma brasileira integrada nos destinos do seu país e identificada para sempre com os seus problemas. () Quem observa a evolução da mulher na vida não deixará por certo de compreender esta conquista, resultante da grande evolução industrial que se operou no mundo e que já repercutiu no nosso país. () O lugar





que ocupo neste momento nada mais significa, portanto, do que o fruto dessa evolução.⁹

Além disso, a mulher negra militante tem que reiterar sempre que tem as mesmas oportunidades e capacidade que os homens brancos e negros e até mesmo que as mulheres brancas, ou seja, que ela é tão merecedora de ocupar um determinado cargo, quanto qualquer outro ser humano, e que esta não é uma posição reservada apenas para os brancos. Em face do alheamento da sociedade ainda colonialista e do desprezo social, a mulher negra subjuga-se nas sequências discursivas analisadas, como uma mulher capaz de desempenhar o papel que ela desejar. Nesse enquadramento, também, como constitutivo do discurso, tem-se o interdiscurso, que dentro da FD, aparece como “o conjunto das formações discursivas que trabalha com o repetível, com a ressignificação do sujeito sobre o já dito”. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 27). Então, parte-se sempre de outros dizeres que são ressignificados em nossos discursos, uma vez que os sujeitos que estão dentro de uma FD conferem inconscientemente ao interdiscurso.

Com efeitos de sentido, diante dos trechos destacados em análise, constatamos que o *status* da mulher negra militante em uma sociedade ainda colonial é ainda de total discriminação, segundo trecho analisado de Erika Januza, ao referir sobre a abordagem de questões raciais na mídia, pois para a atriz, essa abertura proporcionará uma representatividade, remetendo ao processo de identificação do sujeito quanto aos discursos semelhantes e a

⁹ Os discursos empoderados de mulheres que mudaram a história. Disponível em: <<https://widoox.com.br/oratoria/discursos-influentes-mulheres/>>. Acesso em 20 de junho de 2017.





própria figura da mulher negra. Memoravelmente, nas diversas situações cotidianas de uma FD, discursos são encadeados, articulados e formulados.

Com isso, o interdiscurso trata de propagar nas práticas discursivas, o puro “já dito”, isto é, perpetua esse “olhar racista” sobre colocar o outro em uma posição subalterna pela cor de sua pele e pelo seu gênero, desqualificando a figura da mulher negra através de um discurso colonialista. E, por isso, a necessidade de analisarmos como essas mulheres atuais incorporam os seus discursos e como aquele velho discurso fundador de Truth, que teria sido também discriminada pela sua raça e gênero tem sido revisitado nos discursos atuais. Entretanto, refletimos sempre sobre onde fica o poder de escolha? De decidirem ou não pelo que é bom para elas? O que realmente ocorre é que na grande maioria das vezes, as mulheres negras têm sido silenciadas por um sistema racista, sexista e opressor. Logo, percebemos o quanto esses discursos são perpetuados, via memória discursiva e disseminados, através de práticas interdiscursivas e, com efeito, interiorizado tanto pela sociedade como pela figura feminina a ponto de, mesmo sem ter sua vida subtraída pelo sistema opressor, em certas ocasiões, ela mesma, subtrai de si, não tanto pela culpa, mas pela forte historicidade que a circunda e pelo medo de não ser aceita pela sociedade à qual pertence.

Além disso, entendemos que o papel da mulher negra e militante foi/é muitas vezes silenciado, censurado. No entanto, sabemos que as palavras surgem do silêncio e esse é necessário entre elas, onde apreender sua opacidade e seu trabalho no processo de significação traz a responsabilidade de colar-se entre o dizível e o indizível, entre o dito e o não-dito (ORLANDI, 2007). A partir dos discursos postos em análise, percebe-se, ainda, um silenciamento vigente para as negras militantes, quer dizer, não é o silêncio,





mas “o pôr em silêncio”, segundo reporta o trecho do discurso “E não sou uma mulher?” de *Sojourner Truth [...] Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem [...]*.¹⁰

Esse movimento mostra o funcionamento do interdiscurso, lugar dos modos de construção da produção de sentidos, pré-requisitos indisponíveis, para pensar os processos discursivos e a materialidade da linguagem na construção da realidade. Assim, de acordo com o papel da mulher negra militante, podemos inferir que, em sua situação, o silêncio entre os efeitos de significação revela: (A) o não querer falar de si, por autoproteção, medo ou enfrentamento; (B) não querer falar do outro para não expor a pessoa tida como racista, (C) negação de um fato e, nesse caso, “o dizer outro”, (D) construção do enunciado, onde o silêncio corresponde a um apoio e (E) opressão advinda da intimidação social.

Como resultado, observamos, a partir do que é dito pelas mulheres negras militantes, uma consciência e relação de valorização, pistas de um discurso onde “algo significa antes e em outro lugar” (ORLANDI, 2007, p.79, grifos nossos), que torna possível todo dizer que retorna através da memória discursiva, histórica e social, sob a forma do interdiscurso, que materializa o pré-construído que se identifica e é atravessado em determinada FD permeada pela militância negra.

Consideramos também que as formações discursivas se encontram identificadas com o discurso apontado, neste artigo, como fundador “*Eu não sou uma mulher?*”, identificado à militância negra feminina e que sofrem perseguições por suas condições sociais, de gênero e raça. É desse

¹⁰ Os discursos empoderados de mulheres que mudaram a história. Disponível em: <<https://widoox.com.br/oratoria/discursos-influentes-mulheres/>>. Acesso em 20 de junho de 2017.





modo que as mulheres negras militantes identificadas com este discurso fundador defendiam que as mulheres negras deveriam lutar pelos seus ideais mantendo a certeza de que elas eram tão capazes de exercer qualquer função quanto qualquer homem. “O sujeito fala a partir de uma posição, de um lugar social. Nessa guisa, o sujeito está sempre interpretando e, ao interpretar, produz sentidos, identificado à formação discursiva a partir da posição-sujeito que enuncia” (SILVA, 2019, p.141). É assim que a Análise do Discurso pecheutiana considera o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela relação estabelecida da língua com os sujeitos que a falam e as situações em que produz o dizer, como compreende Magalhães (2011).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo aponta Orlandi (2013), é por meio do discurso, lugar de enfrentamento teórico, que sujeitos e sentidos se constituem. Desse modo, podemos compreender que o sujeito mulher negra militante, interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, assume uma posição, um lugar do qual produz enunciados, sendo irremediavelmente afetado por dizeres anteriores. Assim, podemos perceber que no discurso dos três sujeitos analisados há o “outro” interno presente na memória discursiva, como defende Pêcheux (1997), ao afirmar que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior. Nesse item, os efeitos de sentidos produzidos no discurso dos sujeitos mostraram como o que é dito noutro lugar é ressignificado.

Nesse viés, este trabalho mostrou como se dá as relações das mulheres negras militantes ao disputar o poder nesse espaço de liderança na sociedade ou de vivência igualitária questionado por essas mulheres e como cada



posição-sujeito significa ao reatualizar o já-dito, cristalizado na memória discursiva destas mulheres negras militantes.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan, Marx e Freud**: introdução crítica-histórica. Tradução e notas de Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Tradução de Cláudia R. Castellanos Pfeiffer *et al.* Campinas: Unicamp, 1998.

AZEVEDO, N. P. S. G. **A gagueira sob a perspectiva linguístico-discursiva**: um olhar sobre a terapia. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

CARNEIRO, L.T. M. **O racismo na História do Brasil**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CAZARIN, E. A. Interlocução discursiva: a afirmação funcionando como negação. In: ERNST-PEREIRA, A.; FUNCK, S. B. (Orgs.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001.

COURTINE, J. J. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2008.

FERREIRA, E da S. **O discurso de Médici e seus jogos**: questões sobre o silenciamento e a representação do outro. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.



INDURSKY, F. Discurso, língua e ensino: especificidades e interfaces. In: TFOUNI, L. et al. (Orgs.). **A análise do Discurso e as suas interfaces**. São Carlos, SP: Pedro e João, 2011.

MAGALHÃES, B. **Contradição social e representação do feminino**. Maceió: EDUFAL, 2011.

MALISKA, M. E. A voz: um corpo que não engana. In: FLORES, G. G. B. *et al.* (Orgs.). **Análise do discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2011.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2013.

_____. Análise de discurso. In: LAGAZZI, S.; ORLANDI, E. P. (Orgs.). **Discurso e textualidade**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69) (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161.

_____. FUCHS, C.A. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HACK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1993.





_____. Papel da Memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 2010, p. 49-57.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Tradução de Eni Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

SILVA, D. S. “**Nasceste da divisão e ela te divide mais**”: análise do discurso religioso de membros de ramificações da Assembléia de Deus no Brasil e em Portugal. 2019. 141 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

SILVA, M. N. da. **A mulher negra**: o preço de uma trajetória de sucesso. 1999. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

SOARES, A. F. Sem corpo, sem língua, num entrelugar: sobre os sujeitos transexuais na mídia. In: FLORES, G. G. B. *et al.* (Org.). **Análise do discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas: Pontes, 2017

